

ANÁLISE DIACRÔNICA DAS PREPOSIÇÕES “A” E “EM” COMO REGÊNCIAS DO VERBO IR DE MOVIMENTO

Suzana Ferreira Dias de Assis¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo observar, sob a óptica da Sociolinguística Quantitativa o caminho das preposições “a” e “em” desde o português do século XVI que deu origem ao português brasileiro até os nossos dias. A Teoria Variacionista nos fornece a ferramenta para avaliar os fatores que, sozinhos ou em conjunto com outros mais interferem na variação avaliada.

Pesquisas anteriores mostram que o emprego da preposição *em* com verbos de movimento é colocado como sintaxe típica do português brasileiro, em detrimento do uso da preposição *a* com esses mesmos verbos, tida como sintaxe típica do português europeu. Apesar disso ainda se emprega *a* no português falado no Brasil.

Entre os fatores extralingüísticos que deram suporte a permanência de *a* está o modo como foi implantada a norma culta no século XIX pela elite portuguesa.

Para traçar o percurso das preposições *a* e *em*, desde o século XVI até a atualidade, levantamos as seguintes hipóteses: primeiramente com o emprego do *a*: o emprego da preposição *a* é condicionado pelo uso do sintagma nominal cujo núcleo é do gênero masculino e pela significação da preposição indicando *noção*. Com relação ao uso da preposição *em* acreditamos que no processo de aquisição do português brasileiro a essa preposição apareça entre uma das primeiras adquiridas pelas crianças, se essa suposição se confirmar poderemos afirmar que essa variação do emprego das preposições *a* e *em* faz parte de uma mudança lingüística.

Portanto nossa pesquisa tem um caráter descritivo/explicativo para que possamos traçar um painel do uso das preposições *a* e *em* ao longo dos séculos pesquisados, mostrando qual preposição foi a mais utilizada e, se existe qual (is) fator (es) condicionou tal uso.

1. OBJETO DE ESTUDO

O fenômeno que constitui nosso objeto de estudo, como anunciamos anteriormente, é a variação do uso das preposições *a* e *em* desde o português do século XVI que deu origem ao português brasileiro até o contemporâneo.

¹ Professora de Língua Portuguesa pelas Faculdades Integradas de Diamantino/MT e União de Ensino superior de Diamantino –UNED, mestranda pela Universidade Autônoma de Assuncion/PA em Lingüística da Língua Portuguesa.

Constatamos existir em diversos estudos as diferenças no uso do português brasileiro em relação à gramática prescritiva, no que se refere ao uso das preposições *a* e *em*.

Nascentes (1965), em seu estudo sobre o idioma nacional, faz várias críticas ao falante brasileiro, mas apesar de considerar errado o uso das preposições por brasileiros, admite haver um português do Brasil.

Lessa (1966) quando discorre sobre o modernismo e a sintaxe popular brasileira, esclarece que é na sintaxe que habita o gênio, a estrutura de uma língua. Portanto, dificuldades e objeções no que se refere à aceitação das divergências entre o português do Brasil e o português de Portugal residem aí.

Das divergências que foram enumeradas o autor deparou-se com bastante três bastante frequentes e uma delas é o emprego da preposição *em* com verbos de movimento. Lessa afirma que pouco importa que tenham usado em Portugal este tipo de construção há quatrocentos anos atrás, pois nos dias atuais o uso da forma *em* é sintaxe caracteristicamente brasileira.

Câmara Júnior (1985), ao se referir às preposições, estabelece que elas funcionam em dois planos de significação gramatical. Um mais concreto, localização no espaço e, por conseguinte, no tempo. Deste decorre outro, de emprego modal, estado origem, posse, finalidade, meio, causa, objetivo. Esclarecendo ser um estudo estrutural básico, Câmara Júnior contenta-se em explicar, em linhas gerais, o plano locativo.

A situação geral é indicada pela preposição *em* (lat. *In*). A esta se acrescenta uma localização dinâmica onde entram as noções de afastamento e de direção, esta última assinalada pela preposição *a* (lat. *ad*).

Com referência a direção, ocorreu uma ampliação do emprego de *a*, que correspondia ao Latim *ad*. Além de indicar direção, esta preposição passou a indicar movimento com entrada em determinado lugar que era limitado por *in*.

No português moderno temos – ir *à* floresta, em vez de ir *na* floresta. Câmara Júnior explica que neste sentido a língua coloquial do Brasil conserva a construção anterior

Teyssier (1989), faz um estudo comparativo entre o francês e português. Ao analisar verbos de movimento, conclui que, praticamente, em todos os casos a linguagem do Brasil prefere substituir *à* por *na*.

Temos os trabalhos de Vallo (2003) e Mollica (1996), na perspectiva variacionista com o tema “A regência do verbo ir de movimento”, Mollica com dados do Rio de Janeiro e Vallo com dados de João Pessoa, ambos tratam das preposições *a* e *em* com verbos de movimento, numa visão sincrônica, diferindo, portanto, do nosso trabalho que é um estudo diacrônico.

2. DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

A preposição *a* para indicar lugar é substituída, quase em todos os seus usos pela preposição *em*. Ex: Vou na praia. Vou no cinema. Independente da noção de lugar aberto ou fechado, no português falado é comum observarmos esta prática.

Já o uso da preposição *a* para indicar espaço propriamente dito ficou restrita apenas à língua escrita, que é mais conservadora, mais submissa ao ensino escolar e, portanto, possui uma evolução mais lenta.

Para analisarmos o fenômeno do uso das preposições *a* e *em* com verbos de movimento destacamos 07 fatores condicionantes que são aqueles que podem influenciar, ou não, no emprego de uma ou outra variável dependente em estudo. Os fatores considerados foram:

a) sintagma nominal feminino, masculino ou neutro.

Observar os sintagmas que seguem as preposições quanto ao gênero, masculino ou feminino, poderia indicar que para evitar a crase (fusão do artigo *a* mais a preposição *a*) se optasse pela preposição *em*.

b) ordem da sentença sujeito verbo, verbo sujeito, sujeito nulo.

Optamos por esta variável como condicionante devido a especificidade de no português brasileiro não ser mais comum o sujeito nulo, talvez para o uso de uma ou de outra preposição este fato seja relevante.

c) tipo de documento teatro, carta, relato.

d) significação da preposição tempo, espaço e noção.

e) flexão verbal.

Esta variável foi selecionada por acreditarmos que o fato do verbo estar flexionado ou não ou ainda estar em suas formas nominais influenciaria de algum modo o emprego de *a* ou de *em*.

f) tipologia verbal.

Para classificar os verbos, adotamos Borba (1996) para estabelecer as variantes do grupo de fatores tipologia verbal:

- Verbos de ação – os quais expressam uma atividade realizada pelo sujeito agente; ex.: Vou a Santos.
- verbos de processo – expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam o sujeito paciente ou experimentador; ex.: A chuva parou.
- verbos de ação-processo – expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causador, que afetam o complemento; ex.: José quebrou o pires.
- verbos de estado – expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário; ex.: Mário permanece em silêncio.(p.58-60)

De posse dos dados, utilizamos apenas a classificação de verbos de ação, e dentro destes verbos apenas aqueles que indiquem movimento. Dentre os verbos, há ainda a necessidade de se escolher aqueles nos quais os complementos possam ser empregados tanto com *a*, como com *em* e continuar com o mesmo sentido, mas verificamos que não se deve generalizar dizendo que todos os verbos de movimento podem ser empregados com ambas as preposições aqui estudadas. São alguns verbos específicos que indiquem movimento com direção a algum lugar.

g) contração da preposição.

Para codificar os critérios foram os seguintes: se *a* é empregado com acento codifica-se como contração, se é empregado mesmo diante de palavras feminina sem acento é codificada como forma simples de preposição. É necessário este esclarecimento devido aos textos dos séculos XVI e XIX apresentarem essas

divergências e se o autor em alguns casos acentuou e em outros não pressupõe-se que deveria haver uma divergência de pronúncia. No caso de *em*, as ocorrências em surgem *no, na, numa, naquele, neste* serão decodificados como contração.

h) século: XVI, XIX, XX e XXI.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A metodologia tem como base a Sociolinguística Quantitativa que fornece a ferramenta para avaliar quais os fatores que, sozinhos ou em conjunto com outros, mais interferem na variação que se avalia.

Foram coletados três mil e quinhentos dados distribuídos por três séculos, com o emprego das preposições *a* e *em*, em todas as ocorrências que surgissem. Posteriormente, apenas as ocorrências com verbos de movimento foram analisadas.

Os primeiros mil e quinhentos dados referem-se ao século XVI, divididos em quinhentos do relato *Ásia* de João de Barros que trata das conquistas dos portugueses no continente asiático; quinhentos dados do teatro de Gil Vicente e Camões e quinhentos dados de João III de Portugal.

Neste século, encontra-se o português que foi implantado no Brasil, por isso, a importância dos dados e a justificativa de serem de relato, cartas e teatro.

Depois de vários recortes, chegamos às ocorrências em que havia a variação das preposições *a* e *em*. Ficamos com um total de 401 dados distribuídos desta forma: 229 para o século XVI sendo que 82 de teatro; 80 de relato; 67 de carta. Podemos observar os números na tabela -1.

Tabela 1 - Dados do século XVI

Documento	Autor	Quantidade
Ásia-relato	João de Barros	80 ocorrências
Cartas de João III de Portugal		67 ocorrências
El- Rei Seleuco Filodedemo	Luiz Vaz de Camões	10 ocorrências 39 ocorrências
Farsa de Inês Pereira Auto da Índia	Gil Vicente	21 ocorrências 12 ocorrências

Para o século XIX a distribuição foi a que segue: 119 dados distribuídos em 46 para carta de leitores de diversos jornais brasileiros; 71 para teatro de França Júnior, e 02 dados da peça *O Namorador na Noite* de São João de Martins Pena.

A importância e a justificativa deste século constam do item sobre a implantação da norma culta no Brasil. O argumento de Pagotto é que a partir do século XIX foi constituída uma nova norma culta no Brasil, produto de um longo e laborioso trabalho discursivo, conduzido por eminentes gramáticos, jornalistas, escritores.

Tabela 2 – Dados do século XIX

Documento	Autor	Quantidade de dados
Teatro de França Júnior	França Júnior	71
O namorador N S. João	Martins Pena	02
Cartas de leitores de jornais	Diversos	46

Já para o século XX e XXI, os números foram estes: 53 dados divididos da seguinte forma: 34 para teatro e 19 para carta. Os dados em número de 34 foram de peças de teatro de Miguel Falabella e Mário Bortolotto das últimas décadas do século XX e 19 dado de cartas de leitores da Folha de São Paulo dos meses de abril e maio de 2001.

Tabela 3 – Dados dos Séculos XX e XXI

Documento	Autor	Quantidade de dados
No Coração do Brasil	Miguel Falabela	12 ocorrências
Seis Peças de Mário Bortolotto	Mário Bortolotto	22 ocorrências
Painel do Leitor -Folha de São Paulo – abril a maio de 2001	Diversos	19 ocorrências

4. RESULTADOS DE ACORDO COM O SÉCULO

Abordaremos apenas os resultados do século XVI, pois os de mais séculos ainda não concluímos a análise. Levaremos em consideração, como já dissemos anteriormente todos os verbos que indicavam ação e dentro desta ação o movimento de direção com sentido de interioridade. Abaixo alguns exemplos:

- 1 - que **chegou a** Goa em setembro.
- 2 - ...foi porque **chegando** ele do mar roxo **em** Goa...
- 3 - ... com tal nome **entrou** neste reino,...

Observaremos qual é, e se existe uma variável que influa mais em cada um dos séculos acima mencionados, para que se empregue a preposição *a*. devemos esclarecer que dentro da análise de *a* é possível depreender a análise de *em*.

Retiramos o fator “século”, dessa forma, os fatores condicionantes passaram a ser seis: gênero do sintagma, ordem na frase, tipo de documento, significação da preposição, flexão verbal e contração da preposição.

5. PREPOSIÇÃO A NO SÉCULO XVI

Ao optarmos por analisar os dados referentes aos séculos individualmente esperávamos que no século XVI houvesse um emprego maior da preposição *a* com todos os tipos de sintagmas. Foi o que ocorreu. Esta preposição tem participação importante nos três tipos.

Para o gênero masculino *a* apresenta 68% das ocorrências, em seguida vem o gênero neutro com 61% por último, o feminino com 53%.

A tabela-1 mostra resultado para gênero:

Tabela – 1 Gênero do Sintagma – Séc. XVI

Preposição	Masculino		Feminino		Neutro	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	68%	51	53%	55	61%	31
EM	32%	24	47%	48	39%	20

O peso relativo demonstra que nesta variável o que mais colabora para que se empregue *a* é o fato do sintagma nominal estar no masculino. Os pesos ficaram assim distribuídos:

- masculino .62
- neutro .50
- feminino .41

Exemplos:

- 1-...que se vá aos soalheiros...
- 2-Que o gado ao pasto trazer? (Camões, Luiz Vaz de.El-Rei Seleuco)

Na tabela-2 mostra o resultado para “ordem na frase”.

Tabela – 2 – Ordem na frase – Séc. XVI

Preposição	SV		VS		Sujeito Nulo	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	48%	32	67%	16	64%	72
EM	52%	35	33%	08	36%	41

A é mais empregada quando a ordem é VS e quando o Sujeito é Nulo os percentuais são respectivamente 67% e 64%.

Os pesos demonstram a mesma tendência, os números são:

- Sujeito Nulo .56
- VS .54
- SV .38

Os resultados em peso relativo mostram-se favoráveis ao uso da preposição *a* com a ordem VS e Sujeito Nulo.

Exemplos;

- 3-... **virão maridos** a pares... VS
- 4-... por deus! Bo **ia** eu **à** aldeia...VS
- 5- **Fomos à** Vila Castim. Sujeito Nulo (Vicente,Gil.Farsa de Inês

Pereira)

Na tabela -3, os resultados para documentos:

Tabela – 3 Documentos – Séc. XVI

Preposição	Teatro		Relato		Cartas	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	68%	56	57%	46	52%	35
EM	32%	26	42%	34	48%	32

As cartas do Rei João III de Portugal continham principalmente ordens para viagens e instruções para pagamento de dívidas, etc. Relato, escrito por João de Barros, trata da conquista do continente asiático pelos portugueses. Este autor também escreveu a primeira gramática da Língua Portuguesa e provavelmente empregou as mesmas regras que ditava naquele livro.

No que se refere ao peso relativo, foram selecionadas como relevantes as peças de teatro de Camões e Gil Vicente, pois deveriam refletir realmente a linguagem da época.

Os pesos são os seguintes:

- teatro .64
- relato .46
- carta .37

Exemplos:

6- que não sai senão à porta. (Vicente, Gil. Farsa de Inês Pereira)

7-...que nunca espalhou cabelos ao vento,...(Camões, Luiz Vaz de

Filodemo)

A variável “significação” obteve os percentuais que aparecem na tabela -4:

Tabela – 4 Significação da Preposição – Séc. XVI

Preposição	Espaço		Tempo		Noção	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	57%	90	56%	9	69%	38
EM	43%	68	44%	7	31%	17

“Noção” é o significado mais influente na utilização de *a*, atinge 69%, seguida de 57% para espaço. Aqui noção traduz o movimento de direção com significação de interioridade que pertence prioritariamente a *em*.

Os pesos para *a* são:

- noção .61
- espaço .47
- tempo .46

Exemplos:

8- ...se **vem** à mão...

9-...**venha** à luz (Camões, Luiz Vaz de. Filodemo)

Na “flexão verbal”, o emprego de *a* é favorecido por todos os tipos de flexões verbais, seja o verbo flexionado, ou estando em suas formas nominais: particípio, infinitivo ou gerúndio. Conforme tabela -5 abaixo:

Tabela – 5 Flexão Verbal – Séc. XVI

Preposição	Flexionado		Infinitivo		Particípio		Gerúndio	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	59%	95	58%	28	64%	7	88%	7
EM	41%	67	42%	20	36%	4	13%	1

A forma nominal gerúndio supera todas as outras percentualmente atingindo 88% das ocorrências, logo após vem. Particípio com 64%, flexionado com 59%, infinitivo 58%.

O peso relativo também mostra que o fato de a preposição *a* ser precedida da forma nominal gerúndio favorece seu uso, podemos considerar quase categórico o emprego de *a* com gerúndio neste período de tempo. “infinitivo” segue a importância de gerúndio conforme:

- gerúndio .85
- flexionado .47
- infinitivo .54
- particípio .52

Exemplos:

- 10- ...**chegando a** Currate...
- 11-... **chegando a** entrada dele... (Barros, João de. Ásia)
- 12-... sendo **vindas ao** porto... (Cartas de João III de Portugal)

Os resultados para contração das preposições ficou distribuído conforme tabela -6:

Tabela – 6 Contratação das Preposições – Séc. XVI

Preposição	Contração		Não contração	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	56%	78	66%	59
EM	44%	62	34%	30

Apesar da superioridade de *a* nas duas opções em percentuais, o que favorece seu emprego é a não contração como confirma o resultado no nível de peso relativo:

- contração .45
- não contração .58

Exemplo:

- 13- Foi-se buscar a cidade (Camões, Filodemo)

CONCLUSÃO SÉCULO XVI

Para este século, os grupos de fatores relevantes para o emprego da preposição *a*, são os seguintes fatores: seguida de sintagmas nominais masculinos, com Sujeito Nulo ou ordem VS, indicando noção, em sua forma simples não contraída com artigos.

14- **virão** maridos **a** pares (Vicente, Gil. Farsa de Inês Pereira)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Metodológica da Língua Portuguesa**. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.
- BARROS, João de. **Gramática da Língua Portuguesa cartinha, Gramática, Diálogo Em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha**. Reprodução Facsimilada, Leitura, Introdução e Anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, 1971.
- CAMARA, Jr, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CASTILHO, Ataliba T. de. In ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Uma Proposta para o Estudo da Sintaxe Diacrônica no Português Brasileiro. In **Para a História do Português Brasileiro**. (org.) Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Humanitas, 1998.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A Sociolinguística Paramétrica: Perspectivas**. MS, I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos, 02-05/09/1997.
- _____. **A Pedra do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado, Unicamp, 1995.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **As Concepções Lingüísticas no Século XVIII**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FORD, J.D.M. **Letters of John III King of Portugal 1521-1557**. The Portuguese Test Edited With an Introduction. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- GOMES, Christina Abreu. Directionality in Linguistic Change and Acquisition. *Language Variation and Change*, 11(213-230) Cambridge: University Press, 1999.
- LELLO & Irmão Editores. **Obras de Gil Vicente**. Porto: 1965.
- LESSA, Luiz Carlos. **O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.
- MARTINS PENA, Luís Carlos. **O Namorador ou A noite de São João**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1957.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico**. Naro, Antony J. In: *Cadernos Didáticos UFRJ*, pág. 17-25.
- MONTEIRO, Clóvis. **Português da Europa e Português da América – Aspectos da Evolução do Nosso idioma**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- NASCENTES, Antenor. **O Idioma Nacional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. **Gramatização e Normatização – Entre o Discurso Polêmico e o Científico**. UFSC, MS, SD.1988.